

Havia relação entre a Embaixada do Brasil e militares de outros contingentes nacionais?

A Embaixada do Brasil relacionava-se com vários outros contingentes nacionais, em especial com os latinoamericanos, o nepalês e a unidade de polícia da República Popular da China.

Como era a cooperação entre a Embaixada do Brasil e os militares que trabalhavam na MINUSTAH?

A cooperação era muito estreita e fluida, especialmente com o *Force Commander*, mas também com os demais militares, tanto brasileiros como de outras nacionalidades, em especial os latinoamericanos.

O ponto focal para relacionamento formal e oficial sempre foi o *Force Commander*, pelo lado militar, e o Representante Especial do Secretário Geral (RESG) para os aspectos civis.

Havia entendimento técnico sobre o que era "CIMIC", "Assuntos Civis" e outras funções militares, a partir da doutrina ONU?

Sim, entendimento, cooperação e trabalho conjunto. O exemplo mais marcante de tal cooperação foi o trabalho da Viva Rio no Haiti, que contou com apoio irrestrito da Embaixada e da MINUSTAH, além de outros governos e ONGs.

Que tipo de ações a Embaixada costumava solicitar aos militares do BRABATT e/ou da MINUSTAH (escolta, segurança de instalações, comboio, etc.)?

A Embaixada contava, para aspectos de segurança pessoal e de instalações, com um destacamento de fuzileiros navais que não integrava as forças da Missão de Paz da ONU. Atuação irretocável e fundamental para o bom desempenho das atividades da Embaixada. O destacamento foi reforçado após o terremoto de 2010 e cumpriu suas funções muito além do dever, de forma irrepreensível e profissional.

Por ocasião de visitas de altos dignitários –brasileiros e de outras nacionalidades - não havia necessidade de solicitação da Embaixada, pois o comando da MINUSTAH determinava providências relativas a escolta, comboio e segurança pessoal; cabia à Embaixada apenas se coordenar com o BRABATT, BRABATT 2 e/ou Grupamento de Fuzileiros Navais, conforme o caso (acompanhei quatro visitas presidenciais e um sem número de visitas de Chanceler, senadores, deputados, representantes do judiciário, artistas e grande quantidade de jornalistas).

Houve projetos de CIMIC *stricto sensu* entre a Embaixada e os militares? Se sim, poderia detalhar?

A Embaixada participou de inúmeras Ações Cívico-Sociais das unidades brasileiras da MINUSTAH, tanto emergenciais (inundação em Gonaives, por exemplo) quanto de apoio a comunidades (Fond des Negres, por exemplo).

O Sr julga ter havido evolução na coordenação entre civis e militares ao longo da MINUSTAH? Se sim, em que sentido?

Foram treze anos de aprendizado para todos os parceiros envolvidos. Assim, a cooperação com os militares também evoluiu muito ao longo de todo o período. Tanto os militares como a Embaixada se estruturaram cada vez melhor (em 2004, havia dificuldades estruturais de toda ordem) na medida em que foram disponibilizados recursos materiais e humanos para a sua sustentação.

Eduarda Hamann é a Coordenadora-Geral da REBRAPAZ e professora convidada da FGV.

Hamann, E. "Entrevista exclusiva com o Embaixador Igor Kipman". Publicado pela REBRAPAZ em 04/05/2022. Disponível em: www.rebrapaz.com/blog.